

Memória Gasparense

*Reminiscências
Henrique Pedro Zimmermann*

LIV
800-03
MEM

Ano 2

Número 4

Abril/1995

Apresentação

Memória Gasparense nº 4 é uma coletânea dos escritos de Henrique Pedro Zimmermann sobre Gaspar no final do século passado e início deste. Estas "reminiscências" foram encontradas em "Blumenau em Cadernos" dos anos de 1968 a 1971.

Pretendem servir como material de consulta de História de Gaspar, bem como alimentar o espírito do gasparense que ama suas raízes.

Henrique Pedro Zimmermann era natural de São Pedro Apóstolo de Gaspar. Nascido a 31 de março de 1900, descendia de velhos fundadores de São Pedro de Alcântara e que por volta de 1835 vieram para as margens do Itajaí-Açu.

Freqüentou a escola paroquial de Gaspar passando, depois, para o Ginásio Santo Antônio, em Blumenau e para o Catarinense, de Florianópolis. Completando o curso, ocupou vários cargos, como escriturário na Embaixada Brasileira em Montevideo e na Secretaria da Fazenda do governo catarinense.

Em 1926 seguiu para Curitiba onde se dedicou ao magistério, lecionando alemão na Universidade do Paraná e várias outras matérias no Colégio Bom Jesus, dos Padres Franciscanos. De 1929 a 1933 foi funcionário do Consulado Alemão da Capital paranaense, trabalhando, ao mesmo tempo, como um dos redatores do jornal "Der Kompass".

Por motivo de doença teve que deixar essas atividades, passando a residir em Joaquim Távora, no norte paranaense, onde adquiriu um sítio, dedicando-se à lavoura.

O Interventor Manoel Ribas então nomeou-o Prefeito Municipal de Joaquim Távora, permanecendo nesse cargo de 1942 a 1945, fazendo uma administração digna de nota, pois, além de ter construído a sede da administração municipal, uma nova Delegacia de Polícia, o edifício do Ginásio Estadual, conseguiu a vinda, para a sede do município, de Irmãs de Caridade que ali abriram um curso ginasial.

Tendo sido, naquela época, criada a Comarca de Joaquim Távora, Henrique Zimmermann foi nomeado seu primeiro Juiz de Direito, embora não tivesse curso Jurídico.

Cessadas as razões que retinham fora de Curitiba, Zimmermann regressou à capital paranaense onde foi um dos fundadores da "Sociedade dos Amigos da Cultura Germânica" e do Instituto Teuto-Brasileiro de Cultura, de que foi diretor até o fim de sua vida e a que deu extraordinária eficiência e inegável prestígio, tornando-o um verdadeiro elo cultural entre o Brasil e a Alemanha.

Pelos serviços prestados nesse setor, o governo da República Federal da Alemanha não apenas premiou Henrique Zimmermann com uma viagem à pátria de seus ancestrais como condecorou-o com a Comenda da Ordem do Mérito, no grau de oficial.

Seus profundos conhecimentos de Sociologia deram-lhe renome e são muitos os artigos que, a respeito, publicou nos jornais e revistas do Brasil e do exterior.

Foi casado com Alice Arantes Zimmermann com quem teve dois filhos: o Dr. Ari Zimmermann, advogado, e Maria de Lourdes, casada com o juiz Dr. Dilmar Inácio Kessler.

Henrique P. Zimmermann faleceu repentinamente em Porto União, no ano de 1971.



Henrique Pedro Zimmermann

Gaspar, abril de 1995

Leda M^a Baptista
Depto. História
Casa da Cultura de Gaspar

FESTAS DE SÃO PEDRO

Já meio século decorreu, desde que deixei o meu torrão natal. Somente para passar férias, para visitar parentes e amigos para lá voltei de tempos em tempos. Sempre gostei muito de minha "pequena pátria" ou seja de minha "Heimat", como dizem os alemães, de sua resplandecente beleza natural, que ao observador atento oferece surpreendente paisagens. É belo o rio Itajaí, que percorre o verde vale; são lindas as suas planícies que se vê do alto da Matriz, recortadas de rumorejantes ribeirões e circundadas pelos contrafortes da Serra do Mar ou por pequenos montes isolados. Ali nós os meninos, vivíamos felizes, alegres e satisfeitos com aquilo que uma sociedade patriarcal nos oferecia, pescando, tomando banhos no rio e nos regatos, caçando com bodoque, freqüentando a escola primária e aguardando sempre com grande expectativa e entusiasmo, as grandes festas da Igreja. Entre estas, destacava-se pela sua imponência e multidão de visitantes que atraía, pela bizarria de suas múltiplas atrações e distrações que proporcionava ao público, a grande Festa de São Pedro Apóstolo, o padroeiro de Gaspar. As cerimônias religiosas revestiam-se de grande solenidade e as novenas festivas notabilizavam-se pela quantidade de rojões e foguetes que espocavam no ar, pois cada festeiro queria dar destaque especial à "sua" novena. Notáveis eram, também, o ribombar dos tiros de morteiros, que o povo chamava de "ronqueiras", os grandes leilões, as corridas de cavalos, nas quais os parceiros de toda redondeza e de municípios vizinhos competiam na raia improvisada na rua da entrada. Mil outras coisas ainda havia, que inflamavam a nossa mente infantil a ponto de julgar, não haver coisa mais linda no mundo, do que a Festa de São Pedro. Ainda hoje ela é festejada, se bem que não mais com o aspecto pitoresco dos velhos tempos. É que nós sempre tendemos ligar as coisas do passado aos homens que então figuravam no cenário da vida comunal, aqueles homens, que também movimentavam a festa. Lembro-me bem do velho J.S., que carregava e disparava os morteiros de seu filho, que fazia estourar os rojões e os foguetes, do leleiro P.S. que, com sua verve e seu humorismo desafiava o público nos grandes leilões e de muitos outros que auxiliavam os festeiros. Eram figuras típicas, inconfundíveis na sua sadia originalidade. Foram todos substituídos por outros, uma vez que também eles tiveram de deixar o seu torrão natal, mas em caráter definitivo. A grande festa agora obedece às imposições de uma mentalidade nova, por isso que ela, para nós, que já formamos na fileiras do "antigos", já não possui mais aquele cunho sedutor e aquele fascínio que ela exercia sobre a juventude do meu tempo.

ENCHENTE DE 1911

Um dos acontecimentos ocorridos no tempo de minha infância em Gaspar, que deixou profunda impressão em minha memória, foi a grande inundação da cidade e de todo o vale do rio Itajaí, que se deu em 1911. Esse rio, que até então conhecíamos manso e amigo com sua pequena praia à

margem esquerda, onde tomávamos banho e cujas margens sentávamos atrás de nossa casa, para ver passar os pequenos navios fluviais "Blumenau" e "Progresso", rebocando lanchas carregadas de mercadorias, repentinamente mudou de aspecto. Aquela paisagem bonita e colorida, aquele recanto de paz e de sossego, transformou-se inteiramente. Nós, que conhecíamos bem o rio, porque nele também costumávamos pescar, ficamos espantados, quando o vimos crescer e avolumar-se, transformar-se em corrente furiosa e indômita e nos parecia algo de medonho e muito perigoso.

Estava chovendo há semanas e chegavam notícias, de que nas cabeceiras dos três afluentes do Itajaí as chuvas eram muito intensas, por isso havia perigo de uma enchente que viria inundar todo o vale, que naquele tempo ainda era bem mais verde do que o que se anuncia à sua entrada, perto de Itajaí.

O que antes parecia um remota possibilidade, repentinamente tornou-se realidade. O rio avolumou-se sempre mais, as suas águas cresceram assustadoramente e ele acabou inundando todo vale, desde Blumenau até Itajaí, espalhando as suas águas pelos vales vizinhos e castigando todas as pequenas localidades, as casas de morada, os engenhos de açúcar e de farinha de mandioca, numerosos no município de Gaspar. Não me lembro bem, mas devia ser num dos primeiros dias de outubro de 1911, quando chegou à nossa casa a notícia de que a cidade de Blumenau já estaria inteiramente inundada. Como sempre soe acontecer na iminência de um acontecimento desagradável os mais desconhecidos boatos também agora surgiam, sempre contraditórios, exagerados uns e por demais insignificantes outros. Naqueles tempos, ainda não se dispunha dos meios de comunicação que a técnica moderna hoje nos oferece. Não havia rádio nem TV, e as notícias, ou eram transmitidas verbalmente ou por meio de alguns poucos jornais, que demoravam dias para chegar às mãos de seus assinantes. Assim, os moradores de Gaspar, achavam que em todas essas notícias havia muito exagero e que a catástrofe de uma inundação não ocorreria. Esta suposição geral foi reforçada quando se verificou, que já há dois dias as águas estavam subindo lentamente.

Um dia, ao anoitecer, Papai foi verificar novamente o nível das águas. Voltou apressadamente e mandou que todos nós subíssemos ao sótão espaçoso de nossa casa e para lá também foram transportadas, apressadamente, algumas camas e colchões, alguns apetrechos caseiros e alguns alimentos. Mal tínhamos terminado estes afazeres, já as águas estavam invadindo o terreiro de nossa casa. As aves e o pequenos animais domésticos estavam em grande alvoroço e o gado, ia se retirando para um lugar mais elevado do pasto. No dia seguinte, pela manhã, podíamos ver pelas janelas do sótão, que estávamos rodeados de água por todos os lados. Papai, com mais alguns homens, embarcaram numas canoas que tinham sido trazidas para perto de casa, na medida que as águas subiam e trataram de conduzir para as pastagens de meu avô paterno, a dois quilômetros de nossa casa, situadas em lugar mais elevado. Onde a água não era ainda muito profunda,

o gado podia andar e nalguns outro lugares nadava. O impecilho maior foi a transposição do ribeirão Gaspar Grande, agora com a corrente invertida, pois as suas águas já não corriam em direção ao rio Itajaí, porém, do Itajaí para o interior. Ali, o gado devia ser levado à margem oposta, por uma barcaça, mas foi uma trabalhadeira enorme fazer as reses subir à pequena embarcação. Acontece, porém, que os animais, ao que tudo indica, tem uma noção acentuada do perigo que os cerca e assim, até os mais rebeldes tornam-se dóceis.

As águas foram subindo sempre mais. À tarde daquele dia, já o seu nível dentro de nossa casa, acusava a altura de 1,50m. Foi então que Papai resolveu retirar-nos de dentro de casa e levar-nos à casa de meu avô que ficava em local mais elevado. As canoas entravam para dentro de nossa casa para conduzir-nos até a casa de nosso avô. Para nós, as crianças, esta foi uma das nossas grandes aventuras! Para onde se olhava, apenas se via água, da qual surgiam copas de árvores e partes superiores de algumas casas e ranchos. A olaria de meu pai estava só com os telhados dos grandes ranchos fora d'água. Toda a produção de tijolos e de telhas ainda não queimados, perdeu-se inteiramente. Da mesmo forma, todas as plantações de cana-de-açúcar, de milho e de mandioca estavam submersas nas águas e se perderiam inteiramente. Foi um estrago de enormes proporções, que nós, as crianças, nem de longe podíamos avaliar, porque nós só viamos o lado pitoresco e inédito dos trágicos acontecimentos.

O que mais nos impressionou naqueles dias, foi a visão que o rio nos oferecia. Estava agora, transformado num grande mar em meio do qual se formou uma perigosa correnteza. Nela vinham rolando casas de madeira inteiras, estábulos e galinheiros e muita madeira. Touças de bambu, arrancadas pela fúria das águas, nelas boiavam como enormes bouquets. Cadáveres de animais afogados, misturavam-se com caixas de mercadorias das casas comerciais de Blumenau, cidade que, então, já estava inteiramente submersa. Uma grande jangada de tábuas serradas, um meio de transporte então muito usado pelos serradores para conduzir a madeira serrada até o porto de embarque em Itajaí, vinha rodopiando pelo rio em fúria. No local onde hoje está situada a ponte sobre o rio, em Gaspar, as água correntosas formavam um voraz redemoinho que tragava tudo o que dele se aproximava, para cuspir tudo mais rio abaixo. Quando a jangada se aproximou deste redemoinho, empinou-se e convulcionou-se toda, para depois desaparecer na voragem das águas. Mais abaixo as tábuas novamente surgiam à tona, agora já soltas das amarras que as prendiam à jangada. Tudo isto formava uma visão tétrica capaz de impressionar os mais destemidos homens acostumados a lidar nas águas do rio. De Itajaí foram despachados dois navios marítimos, que deveriam ir em socorro da população da cidade de Blumenau, onde já os dois naviozinhos fluviais, "Blumenau" e "Progresso", estavam prestando serviços de socorro. Ao chegar em Gaspar, esses navios não conseguiram transpor a curva do rio à margem esquerda. A correnteza das águas ali era de tamanha força, que os navios, quando pretendiam vencê-la, eram jogados de volta,

sem obedecer á força de suas máquinas ou a seus lemes. À tarde daquele dia, após várias tentativas, voltaram para Itajaí.

Ficamos oito dias em casa de nosso avô. Para onde se olhava, só se via água, circundada pelos morros dos contrafortes da serra do mar. Quando voltamos para a nossa casa, ainda de canoa, esta nos ofereceu uma aspecto desolador. O terreiro ainda estava cheio d'água; a casa estava coberta de grossas camadas de lama. Os móveis não puderam ser retirados, estavam virados e bastante estragados. Somente depois de algumas semanas passadas, tudo começou a normalizar-se. As pastagens também cobertas de lama, não ofereciam alimento ao gado e este teve de ser alimentado com forragem trazida de longe. A rua principal de Gaspar, junto ao rio, apresentava crateras profundas e a barranca do rio, em frente à praça da cidade, havia desmoronado, fazendo com que a rua ficasse bem à beira do rio.

O balanço desta inundaçãõ foi bem triste. Os estragos em plantações em residências e em objetos perdidos foram incalculáveis. Mas, a vida devia continuar, também em Gaspar, e assim aconteceu. Lentamente, tudo foi-se recuperando e como sempre acontece, depois de uma catástrofe geral, a reconstruçãõ do que foi destruído, foi de maneira melhor, mais moderna. Sobre isto, falaremos oportunamente e procuraremos mostrar, como a inundaçãõ também teve os lados benéficos.

ESCOLAS DE GASPAR

Gaspar, nossa cidade natal – perdãõ, tenho sempre falado de uma cidade; realmente Gaspar, naquela época, era uma simples freguesia e me parece, que nem mesmo figurava no mapa do Estado – bem, Gaspar tinha duas escolas públicas, uma para alunos do sexo masculino e a outra uma escola mista. Esta era dirigida por uma professora e a outra por um professor. Eram professores nomeados por força de apadrinhamento político, coisa que, conforme afirmam alguns, naqueles tempos, acontecia. Ambos não possuíam curso de formaçãõ pedagógica e creio que ambos apenas freqüentaram as escolas elementares das localidades em que nasceram e se criaram. Espécie ainda bastante rara em pequenas localidades, naqueles tempos, eram os professores formados, geralmente presentes apenas nas cidades maiores. Mas, estávamos falando dos nossos "professores". A professora era uma senhora solteirona, que gostava de dar-se ares de "importante" mas que, realmente, era uma senhora irascível e neurótica, que podia mudar de jeito de hora em hora, passando de um estado eufórico para um raivoso, coisa que os alunos temiam bastante. O professor, homem de certa idade, era um tipo bonachão, amigo de seus alunos, o que não impedia, que estes lhe pegassem peças de molecagem de que certamente hoje muito se arrependem. Falava muito alto, costume adquirido por ele no trato com a esposa, uma senhora boníssima, porém, bastante surda.

Recordando hoje os métodos de ensino empregados por esses professores, os esforços que faziam para que seus alunos aprendessem alguma

coisa, confesso com toda sinceridade: eles merecem nosso respeito; não fossem eles os esforçados que foram, a quase totalidade de juventude daquela época teria se criado analfabeta. Eu e minha irmã fomos alunos, primeiro da escola mista, depois eu passei para a outra escola. Lembro-me bem das matérias do currículo escolar. Todos os dias aprendia-se a tabuada pelo sistema dos "noves fora", fazia-se contas de somar, de multiplicar e de dividir, sempre terminando com a prova dos "noves fora". Depois aprendia-se a "lição", o que significava, que todos os alunos soletravam as páginas de uma cartilha, produzindo uma algazarra tremenda, em que ninguém se entendia e em que cada um por si, fazia o esforço máximo de soletrar o mais alto possível, para ouvir sua própria voz. Diariamente também se fazia uma cópia para praticar a boa caligrafia. Ter boa caligrafia, significava ser um aluno muito aplicado e requeria dele certa concentração para desenhar as letras mais bonitas possíveis.

Dois anos fiquei na escola pública, para depois passar para a escola paroquial recém-instalada. Nela um professor de excelente formação e boa cultura ministrava o ensino primário aos meninos e às meninas matriculados. Foi então, que comecei a compreender, que aprender era mais do que fazer cópias e soletrar palavras. A escola paroquial naquela época foi realmente muito boa. Acontece, porém, que o professor, depois de três anos de função na mesma, deixou-a e mudou-se para Blumenau. A seu sucessor faltavam as luzes do saber, razão porque meu pai resolveu transferir os filhos para a escola da comuna evangélica, que era dirigida por um professor de boa formação e cultura. Este fato, naqueles bons tempos, era considerado como verdadeira heresia, pois constituía fato de rebeldia, um católico fazer os seus filhos freqüentar a escola evangélica. Mas, também isto passou e a nossa formação espiritual nenhum dano sofreu naquela escola, pois não participávamos do ensino religioso que nela se ministrava.

Oito anos, durou ao todo, o meu tempo de escola primária. Tenho as melhores recordações dessas pequenas escolas de Freguesia, especialmente das escolas particulares. Nelas desenvolviam-se os conhecimentos dos alunos até um grau equivalente ao segundo ano dos cursos ginasiais atuais. Os alunos que deixavam as escolas primárias, quando resolviam continuar os estudos ingressavam sem qualquer dificuldade nos cursos ginasiais, sem necessidade de previamente freqüentar um cursinho de preparação para o exame de admissão.

A escola pública estava localizada numa das faces da praça pública da Freguesia, hoje bem ajardinada, mas naquela época um campo sem árvores onde apenas cresciam capins e guaxumas. Em direção norte-sul ela era cortada por uma larga vala, que dava escoamento às águas pluviais vindas do morro da Igreja. Nossa melhor distração no recreio, era pular esta vala de um lado para outro, com auxílio de reforçadas canas de bambu. Nela os alunos também costumavam esconder-se do professor, quando deviam ficar de castigo que ele lhes impunha. Fugiam pelas janelas da sala de aula e no dia seguinte reapareciam, sem que houvesse qualquer problema maior. Creio

que o professor nunca pensou seriamente em castigar os alunos rebeldes e pouco aplicados, porque, se os deixava de castigo depois da aula, as janelas da sala ficavam abertas e por elas os alunos escapavam.

Já nas escolas particulares o regime era bem diferente. Enquanto na escola pública a palmatória impunha respeito, nas escolas particulares a vara de marmelo era a batuta na mão do mestre. E eles não economizavam muito seu emprego. Acho, que isto foi bom, porque os meninos eram como que pequenos selvagens, que necessitavam de algo mais convincente do que simples conselhos, para comportar-se bem na escola. Nessas escolas fazia-se também ginástica suéca e em aparelhos, o que muito contribuiu para o desenvolvimento físico dos alunos, tornando-os mais ágeis e desenvoltos.

Não me lembro mais o motivo, mas um dia surgiu séria desavença entre os alunos das escolas públicas e os das escolas particulares. De simples provocações no começo, a coisa foi progredindo até que resultou em luta aberta. Tapas e pontapés, empurrões e luta livre em ação, mas estas práticas já não satisfiziam as partes beligerantes. Precisavam de algo mais eficiente para vencer os adversários. Foi então, que em Gaspar o lírio bravo, hoje tão usado na fabricação de celulose, teve a sua primeira aplicação útil. De seus caules fazíamos uma espécie de chicotes, para serem usados nas lutas entre os grupos. Eram "armas" bastante eficientes e quem com elas recebia uma ou duas vergastadas no lombo ou nas pernas, rapidamente desistia da luta e tratava de por-se a salvo de novas investidas. O campo de luta preferido, era o local da bifurcação da estrada Blumenau-Gasparzinho, ponto ideal para armar ciladas e emboscadas nas margens do ribeirão, ainda cobertas de capoeira. Hoje este local foi nivelado, faz parte da rua principal de Gaspar e quando o revejo e recorro as nossas memoráveis lutas e vejo as transformações porque passou, fico pensando, que hoje uma luta de adolescentes ali não teria o aspecto romântico e autêntico dos tempos passados. Também, por certo, as armas que então usávamos, hoje seriam substituídas por outras mais eficientes, capazes de liquidar definitivamente com o adversário.

As lutas entre os alunos das diferentes escolas tiveram um fim inesperado. Os pais dirigiram-se aos professores e estes passaram a acompanhar os seus alunos até o ponto "crítico" acima citado, depois do que se dispersavam. Aos intransigentes, que pensavam que o adversário de ontem deveria ainda ser punido com algum tratado de paz draconiano, os professores sabiam acalmar através de punições que lhes tiravam o gosto de pensar na continuação da batalha interrompida.

MINÉRIOS

Quem foi que disse, que Gaspar já não teve período de mineração?

Não foi uma corrida atrás do ouro, como aconteceu na era colonial em Minas Gerais, nem atraiu um mundo de aventureiros, como aconteceu na Califórnia no século passado, mas houve mineração em Gaspar e é que hoje quero falar.

Até poucos anos atrás, quem de Gaspar se dirigia a Poço Grande via na margem esquerda do rio Itajaí, quase totalmente envolvida pela mata, mostrando um telhado de zinco meio enferrujado, uma casa de madeira já quase em ruínas e despojada de suas janelas. Foi ali que residiu o "americano", cujo nome, se não me falha a memória, diziam que foi Richard Brown. O "americano", como Mr. Brown era conhecido na região, foi um personagem um tanto misterioso e ninguém sabia dizer, se se tratava de um engenheiro, de um geólogo, de um excêntrico ou de um simples aventureiro. No que todos concordavam quando falavam dele, é que dispunha de bastante dinheiro, que vestia-se com aprumo e que pouco contato mantinha com os moradores circunvizinhos. Diziam, que ele procurava carvão, que supôs encontrar-se no pequeno promontório à margem esquerda do rio, em cuja encosta construira a sua residência. Falavam, que teria feito escavações na base do morro e tentativas de nele introduzir túneis. Certamente o homem não encontrou o carvão de pedra que dizia procurar. Talvez nem o estivesse procurando, pois ninguém sabia ao certo, o que o misterioso personagem estava fazendo naquele local isolado.

Grande alvoroço se apoderou de todos os moradores de Gaspar e de Poço Grande, quando certo dia o "americano" desapareceu. Ele não havia feito qualquer comunicação a quem quer que fosse, que abandonaria a sua morada. Quando foram até a casa dele, constataram que todos os seus pertences nela haviam ficado, mesmo a roupa e outros objetos de uso pessoal. Decorridos uns oito dias após o desaparecimento do "americano", alguém teria afirmado, ter encontrado à margem do ribeirão Gasparinho, onde este emboca no Itajaí, um par de sapatos marrom, iguais aos que o "americano" usava. Nunca soube, se tal achado foi confirmado e se a polícia local tomou qualquer iniciativa para elucidar o caso do desaparecimento de um homem que, embora vivesse praticamente isolado, contudo era objeto de curiosidade em meio de uma população simples e acolhedora, que aos advenas dispensava as melhores atenções.

No meu tempo, muitas vezes falavam, que na região de Gaspar se encontrariam ricas ocorrências de Ferro. Creio que Gaspar, neste particular não é exceção, uma vez que é sabido, que toda a serra do mar acusa ocorrências de ferro em maior ou menor quantidade. Se existe ferro em Gaspar, ele deve encontrar-se especialmente no morro das Bateias, no Gasparinho, mas entre encontrá-lo, vai uma distância que provavelmente nunca será superada por algum empreendedor.

O ouro, porém, sempre foi e continua sendo, a grande sedução do homem. Em torno dele giram histórias e fatos, acontecimentos felizes uns, trágicos outros, e não raras vezes ele tem mudado o curso de vida de indivíduos e de povos. Também na minha terra aconteceu um fato, o qual, embora não tenha relação direta com a mineração e a exploração do ouro, todavia enriqueceu a crônica trocista de Gaspar com um acontecimento que muito divertiu aos que o provocaram. Contaram-me a história, quando numa das minhas periódicas visitas à minha terra natal, muitos anos depois de haver

deixado. Já me referi ao "americano", cujas terras ficavam à margem esquerda do Itajaí. Vizinho destas terras, foi um pequeno sitiante, um desses tipos espertos, de andar ligeiro e costumes característicos dos nossos praieiros. Era ele um misto de sagaz e astuto, de ingênuo e manhoso, que gostava de conversas e sempre "sabia muita coisa". Quase que diariamente vinha até a cidade à tarde, para inteirar-se das "novidades"; fumava seu cigarrinho de palha e contava histórias de pescaria e de caçadas de arrepiar os cabelos dos que as ouviam. Seu ponto predileto sempre foi a oficina de um tanoeiro, que trabalhava para uma firma exportadora de aguardente. Este era o tipo do "gozador" e gostava de incitar o homenzinho, para que contasse as suas "histórias", animando-o a enfeitá-las sempre mais com fatos inéditos. Ao grupo costumava juntar-se o farmacêutico, que viera do Rio de Janeiro e se estabeleceu em Gaspar. Era ele, também, um desses homens que gostava de divertir-se à custa dos outros, se bem que o fazia com ares muito sério e dificilmente traía as suas intenções de divertir-se com o que ouvia; ao contrário: com a cara mais séria, reforçava as fantásticas narrativas do sitiante, acrescentava-lhes fatos ainda mais espantosos. Certo dia, o tanoeiro e o farmacêutico combinaram pregar uma peça ao visitante. Confabularam e quando o homenzinho chegou à oficina do tanoeiro, este lhe disse que se soubera que o farmacêutico estaria interessado em comprar seu sítio para um grupo de americanos, que sabiam que nele havia ouro em abundância. Pediu que nada contasse ao farmacêutico do que lhe estava dizendo, porque aquele lhe havia pedido segredo. O sitiante logo ardeu de cobiça e pediu ao tanoeiro que procurasse saber algo de mais positivo sobre o negócio e que, se este se realizasse, ele lhe daria uma boa comissão. Diariamente voltava à oficina e punha-se a escutar as conversas do farmacêutico. Este, de vez em quando, deixava escapar uma frase alusiva ao suposto negócio, sem, porém, expressar-se claramente e procurando ocultar do sitiante, o que pretendia dizer ao tanoeiro. "Os americanos escreveram-me novamente...", dizia ao tanoeiro, "recebi notícias dos homens..., querem que eu apresse o negócio...". Depois dirigia-se ao sitiante, com ares de quem nada queria, e perguntava: "Você estaria disposto a vender o seu sítio?" ao que o outro matreiramente respondia: "Depende da oferta..., quem sabe, posso vender, se me for feita uma boa oferta...". O farmacêutico mostrava-se aparentemente desinteressado, mas deixava sutilmente transparecer, que amigos dele queriam comprar a propriedade do sitiante, para nela plantar cana-de-açúcar. Depois retirava-se e o tanoeiro dizia ao sitiante: "Não lhe disse? Ele quer comprar seu sítio para os americanos, porque nele existe muito ouro... os americanos são homens de muito dinheiro". Nestas conversas passaram-se algumas semanas, até que um dia o tanoeiro disse ao sitiante: "Quando você está presente, o farmacêutico não se abre; só o faz, quando está a sós comigo; vou-lhe dar uma oportunidade para ouvir melhor o que ele diz sobre o negócio. Amanhã volte mais cedo e deite-se naquela tábuca, debaixo do telhado, por cima de minha banca de trabalho. Ali, escondido, você poderá ouvir tudo o que ele me diz. Quando o sitiante se retirou, informou ao farmacêutico da combinação

que fizera com o mesmo. Logo depois do meio dia, no dia seguinte, o sitiante aparecer e deitou-se sobre a tábua debaixo do telhado da oficina. Fazia um calor horrível, mas atendendo às recomendações do tanoeiro, conservou-se imóvel e calado. Não demorou, chegou o farmacêutico e foi logo dizendo ao tanoeiro: "Vou fazer o negócio da compra do sítio de Fulano, mas quero comprá-lo barato para ganhar bastante na venda aos americanos. Lá existe muito ouro e os americanos pagam qualquer preço". E, assim, foi falando umas duas horas, enquanto o sitiante sofria horrivelmente sob a ação do calor debaixo do telhado, mas sempre atento ao que em baixo falavam. Suando em bicas, ele desceu de seu esconderijo quando o farmacêutico se retirou da oficina, porém, bastante satisfeito com o que havia escutado. Apenas estava desgostoso por "ouvir as intenções do safado, que quer enriquecer à minha custa". No dia seguinte, o farmacêutico o interpelou diretamente: "Você quer vender seu sítio? Qual o preço que pede por ele? Eu posso comprá-lo à vista". Lembrando do que ouvira no dia anterior, o sitiante pediu um preço exorbitantemente elevado. Daí em diante, dia por dia, teve lugar uma pechincha das arábias: um pedindo muito, o outro oferecendo pouco, até que certo dia o farmacêutico, mostrando-se bastante aborrecido apareceu na oficina e foi logo dizendo ao tanoeiro, que os "homens" haviam desistido do negócio. E, foi andando... O sitiante pareceu petrificado com a notícia de que não mais venderia seu sítio e o tanoeiro lhe disse: "Veja, que negócio você perdeu; é que você pediu preço muito elevado". O sitiante começou a vociferar contra o farmacêutico, atribuindo a este o malogro do negócio, e daí em diante, quando vinha à cidade, só entrava na oficina do tanoeiro, depois de ter-se certificado e que lá não se achava o farmacêutico. Mas a cidade toda já ficara sabendo do negócio e assim, a crônica jocosa de Gaspar ficou acrescida de mais um elemento que durante muito tempo era lembrado quando os galatos se reuniam para passar algumas horas alegres.

GRAMOFONE E CINEMA

Certo domingo, quando vínhamos retornando da igreja, onde assistimos missa, passando em frente a uma casa comercial, ouvimos os sons de uma vibrante marcha militar. Mas, onde estava a banda que tocava tão bonita marcha? A música vinha do interior da sala de visita da casa do comerciante, já repleta de gente e com as suas janelas tomadas pelos curiosos. Esgueirando-me por aqui e por ali, consegui entrar na sala. Qual não foi meu espanto quando deparei com uma caixa de madeira polida, colocada sobre uma mesa, da qual saía um funil em forma de uma grande tulipa, da qual procediam as maravilhosas melodias. Olhando melhor, vi também, que sobre a caixa girava um disco preto sobre o qual deslizava um braço de metal que terminava numa fina agulha.

Aquilo, a mim e aos outros meninos, causou um verdadeiro espanto e não nos cansamos de admirar o aparelho que emitia músicas como a de uma grande banda de músicos. Foi meu pai que me explicou, que aquilo era um

gramofone e me disse também, como é que ele funcionava. Este foi o meu primeiro encontro com o grande invento de Thomáz Alva Edisón, nome que devia voltar à minha mente quando, pela primeira vez vi brilhar a luz de uma lâmpada elétrica. Muitas vezes voltei à casa do comerciante para ouvir a música que saía do bonito aparelho. Hoje, ouço o rádio ou quando estou sentado frente o televisor, relembro com saudade o meu primeiro encontro com o gramofone, aquele instrumento primitivo que a nós meninos, parecia ser a super essência das maravilhas. Mas, também penso em tudo o que a técnica em tempo relativamente curto desenvolveu, tranformando o ingênuo mundo da minha infância num grande laboratório das mais arrojadas experiências e produzindo engenhos que já não só se movem na terra, mas também já invadem o infinito do espaço sideral.

Outro acontecimento que me deixou irradiante de alegria, foi quando, pela primeira vez, assisti a uma sessão de cinema. O mesmo Sr. Frederico Guilherme Busch, do qual falei quando me referi ao meu primeiro encontro com um automóvel, veio a Gaspar para mostrar aos gasparenses o que era o cinema. Num salão de danças, bem no centro da cidade, instalou os seus aparelhos e convidou o povo para assistir a uma sessão de cinema. O salão encheu de gente, curiosa de conhecer mais esta maravilha da técnica. Não fui à primeira sessão, porque meus pais que foram assisti-la queriam, antes de levar os filhos, verificar se era ou não conveniente levá-los. No domingo seguinte, fui levado para assistir a sessão cinematográfica. Estava febril, de tanta curiosidade, porque o que eu havia ouvido falar daqueles que foram ao cinema, fez-me imaginar coisas maravilhosas. Quando chegou o dia em que devia pela primeira vez ir ao cinema, não podia esperar que anoitecesse e fiquei seriamente apreensivo, quando à tarde ocorreu uma forte trovoadas com abundante chuva. Temia, que em virtude disso não houvesse sessão de cinema naquele dia. Mas, o Sr. Busch viera a Gaspar antes da chuva, instalou os seus aparelhos no salão, colocou o motor gerador de energia elétrica no porão do salão e à noite exibiu os seus filmes. Finalmente chegou o grande momento: no salão apagaram-se as luzes e na tela colocada no fundo do salão começaram a movimentar-se figuras um tanto apagadas, porém bem perceptíveis em seus movimentos. Faziam coisas incríveis, andavam, dançavam e corriam, tudo isto como uma movimentação hética e sem nexos. Assim mesmo, achei tudo muito bonito e lamentei muito, que apenas tivessem exibido alguns poucos filmes. aliás, todos os que foram a essa sessão de cinema acharam tudo muito bonito. Sabem quanto custava um ingresso de cinema naquele tempo? Apenas quinhentos réis, ou sejam, cinquenta centavos antigos. Assim mesmo, muitos achavam caro os ingressos a este preço, para uma sessão que durava apenas uma hora e que fora interrompida várias vezes por rompimento das fitas ou por enguiço do motor. A música que acompanhava a sessão, era tocada numa gaíta argentina, ou seja o bando-neon.

Algum tempo mais tarde, Gaspar foi sacudida com a notícia de que um navio de guerra alemão, o "von der Tann", viria em visita à Santa Catarina e

que Blumenau também seria visitado. Ninguém sabia ao certo como aquilo seria, se a bela nave subiria o rio até Blumenau, ou não. Um dia chegou a notícia: o navio chegou e ancorou frente a barra do rio, em Itajaí, mas que os marujos viriam a Blumenau, transportados pelos vapores "Blumenau" e "Progresso", que rebocariam lanchas. Naturalmente, como sempre acontecia, essas embarcações fariam escala em Gaspar, por isso a começar das primeiras horas da tarde, muita gente começou a aglomerar-se na pequena área do porto fluvial e a apinhar-se nas imediações do mesmo. Eram mais ou menos três horas da tarde, quando apareceu perto da ilha uma curiosa embarcação, que se aproximava rapidamente do porto. Foi uma barcaça a motor, com hélice, pertencente ao "Von der Tann", na qual vinha a comandante e os oficiais da nave de guerra.

Foram recebidas pelas autoridades de Gaspar e desembarcaram para demorar-se em nossa cidade por algum tempo, pois estavam com grande dianteira das embarcações vagarosas em que viriam os marinheiros. O fato de ser meu pai componente da comissão de recepção, facilitou-me ver tudo muito de perto. Os bonitos uniformes dos oficiais navais, alguns com vistosos galões dourados, com duas filas de botões de metal agradaram-me muito. Fiquei imaginando, como devia ser a vida a bordo de um grande navio de guerra, como devia ser interessante cruzar os mares, conhecer terras novas, ver gente estranha e coisas diferentes. Os oficiais eram homens amáveis, que não se cansavam em elogiar as belezas da paisagem que as terras marginais do Itajaí-Açu ofereciam. Passearam pela cidade e certamente muito se admiraram de encontrar uma freguesia da qual, provavelmente, pela primeira vez ouviram falar. Um dos oficiais levou-me pela mão e contou-me muitas coisas interessantes sobre o navio de guerra, a vida de bordo e a viagem que fizeram. Quando eu lhe disse que gostaria de ser marinheiro de guerra, ele olhou-me muito sério e disse: "Menino, cresça, estude bastante e faça-se um homem; depois você achará o caminho para ser útil à sua terra. A vida é bela, mas também é muito dura e perigosa". Depois presenteou-me com uma moedinha de prata e disse: "Guarda-a, para lembrar-se de seu amigo Friedrich". Fiquei meio encabulado, porque não compreendi bem o sentido daquelas palavras, mas também satisfeito por ter esse homem, que veio de tão longe, afirmando ser meu amigo. Quando mais tarde soube, que o "Van der Tann" fora afundado num combate naval na Primeira Guerra Mundial, fiquei pensando se o meu amigo Friedrich também teria achado o seu túmulo no fundo do mar.

Depois, quando chegaram os navios que transportaram os marinheiros, todos seguiram para Blumenau, mas antes os gasparenses foram brindados com uma marcha executada pela banda de músicos do navio de guerra, uma banda que espantou os homens de Gaspar pelo grande número de músicos de que se compunha.

O PRIMEIRO AUTOMÓVEL

No tempo de minha juventude em Gaspar, as estradas que ligavam minha cidade natal a Blumenau e a Itajaí, eram mais do que precárias. As cargas de toda espécie, quando se destinavam a uma dessas cidades, eram transportadas pelos navios fluviais. Viajar para Blumenau com tempo bom, era relativamente fácil, mas quando chovia, alguns atoleiros que nela se formavam, davam muita dor de cabeça aos condutores dos veículos e muito julgavam dos animais que os tracionavam.

Havia certos trechos nas baixadas, raramente ensolarados porque as matas à beira da estrada impediam que o sol os atingisse e que por isso, transformavam-se em terríveis lamaçais. Se a estrada para Blumenau, que era a mais freqüentada, por muito tempo ofereceu este aspecto desolador, depois de uma estiagem mais ou menos prolongada, de Poço Grande até Itajaí ela podia ser trafegada por veículos de tração animal, porém, com certa dificuldade, porque em alguns trechos ela era mais do que má. Havia nela certos trechos, como foi o além do morro dos Schmitt, no Poço Grande, até as proximidades da Ilhota, onde a mata formava um túnel que nunca permitia que o sol a atingisse e secasse. Nessa condições é de se compreender, que era evitada pelos carroceiros e mesmo os cavaleiros pouco a usavam.

As estradas no interior do atual município de Gaspar, também não eram melhores. Se os proprietários de terras por onde elas passavam não procurassem melhorá-las, cuidando de aterrar os atoleiros e abrir valetas para o escoamento das águas, não podiam transportar os seus produtos até a sede do distrito.

Naquela época, a maioria dos lavradores que residiam em território de Gaspar, serviam-se de carros de boi para trazer os seus produtos à cidade. Alguns poucos, como por exemplo os "italianos" do Gasparinho, usaram os burricos como cargueiros. Aos sábados costumavam vir à cidade para fazer comprar e trocar milho por fubá nos moinhos. Vinham sentados de pernas cruzadas numa espécie de almofada colocada sobre a cangalha, da qual, de ambos os lados pendiam pequenos sacos com milho ou outros produtos. Os burricos já eram tão acostumados a fazer o trajeto da morada de seus donos até Gaspar, e o de volta, que mesmo quando os seus donos cochilavam em cima deles, na volta para casa caminhavam sem que fossem guiados. E, isto acontecia muitas vezes, porque, naqueles tempos, os "italianos" gostavam de tomar o seu vinho ou a "branquinha", o que no verão com o seu sol escaldante, não contribuía muito para que os ginetes ficassem despertos.

Foi mais ou menos em 1906, que em Gaspar começaram a usar em maior números as carroças de tração animal. Daí em diante, também começaram a aparecer os carros de mola e quem os possuísse, era considerado homem de boas posses. A introdução destes meios de transporte e condução, exigia melhores estradas. Foi então, que os moradores de Gaspar exigiram da Prefeitura de Blumenau, município do qual Gaspar então era distrito, que não só fosse melhorada a estrada que ligava Gaspar à sede do município,

mas também, que a administração municipal cuidasse melhor da conservação das estradas que ligavam Gaspar aos seus diferentes bairros. A administração municipal de Blumenau em face destas reclamações, mandou arrumar melhor a estrada até Gaspar e "legalizou" as outras por meio de um decreto, que obrigava a cada proprietário de terras marginais às estradas, de cuidar de seu trecho, conservá-lo desmatado, abrindo valetas de escoamento para as águas e aterrando os atoleiros nela existentes. Foi esta a solução achada, que por muito tempo vigorou e em virtude da qual às estradas interioranas do distrito tornaram-se um pouco melhores do que eram antes.

Foi no ano da graça de 1907, que certo dia fui encarregado por meu pai, de levar um recado a um cidadão que residia nas imediações do morro do Demmer, na velha estrada para Blumenau. Quando vinha voltando despreocupadamente, comecei a ouvir ruídos estranhos atrás de mim, um tanto assustado olhei para traz, mas uma volta da estrada impedia-me localizar o causador desses ruídos. O que no começo parecia ser um fraco ronco, começou a intensificar-se com estampidos semelhantes a explosões, com estálidos e o ruído do entrechoque de ferros e outros ruídos indefiníveis para mim, pois assustado com o que ouvia, de maneira alguma podia achar uma explicação para todo esse barulho. Parado ao lado da estrada, olhava atento para a curva da estrada, onde não demorou aparecer um estranho veículo, que rodava sem tração animal e em cuja boleia sentava um homem que trazia um grosso charuto na boca e segurava uma roda a qual dava pequenas voltas. Boquiaberto, deixei a estranha viatura chegar mais perto de mim e então percebi, que ela tinha semelhança com um carro de mola sem toldo, que tinha rodas cobertas de borracha e que rodava pela estrada aos solavancos. Vi que no assento traseiro estavam refestelados mais dois outros homens. O estranho veículo passou por mim com grande barulho, levantando poeira, soltando fumaça e correndo um tanto mais rápido do que nosso carro de mola, mesmo quando ele era puxado pelos nossos melhores cavalos. Com facilidade continuei a acompanhar a trajetória do estranho veículo, porque a estrada daquele ponto até as proximidades da ponte sobre o ribeirão Gaspar Grande, era uma longa reta. Vi, que o barulhento veículo foi até o fim da reta, onde executou uma série de manobras e depois retornou em direção a Blumenau. Quando passou por mim a segunda vez, eu já estava mais calmo e podia observá-lo melhor nos seus detalhes. Foi, também o primeiro que veio até Gaspar. Seu proprietário foi o Sr. Frederico Guilherme Busch, homem-empendedor, que trouxe, posteriormente, mais outros automóveis para Blumenau e que nesta cidade fez circular o primeiro ônibus.

Soubemos mais tarde, que o seu propósito naquela viagem, foi o de ir até o centro da cidade de Gaspar, mas resolveu voltar depressa, porque nos morros do Gasparinho estava-se anunciando uma trovoadá. Se chovesse, até que a estrada secasse, o Sr. Busch não reconduziria o seu automóvel a Blumenau.

Muitos adultos e outros meninos também viram o primeiro automóvel que veio a Gaspar e no dia seguinte, na escola, todos contavam a aventura

a seu modo, primando cada um em fantasiá-la o melhor possível, até nosso professor tanto entusiasmou-se com o acontecimento e fez os seus alunos escrever uma composição sobre o mesmo. Foi aí, que muitos dos meninos arrependeram-se de ter falado com tantos detalhes sobre o primeiro encontro com um automóvel...

ALAMBIQUES E VENDAS

Gaspar, o meu encantador torrão natal, até o passado recente, foi um município essencialmente rural. Somente depois de 1920 já começaram a surgir algumas indústrias. Hoje já são muitas e o seu número tende a crescer. Se, porém, considerarmos a transformação de produtos rurais como indústria, a industrialização do município começou há mais de cem anos. Logo após o início do povoamento do atual município de Gaspar, ali começaram a surgir engenhos para a fabricação de açúcar mascavo, os alambiques para a destilação de aguardente e os engenhos para a fabricação da farinha de mandioca.

O seu aumento foi de tal forma, que poucas eram as propriedades rurais nas quais não se fabricavam açúcar, aguardente e farinha de mandioca, não apenas para o consumo local, mas também para a exportação. Duas casas comerciais havia na cidade, especializadas no armazenamento e na exportação desses produtos para outros Estados do Brasil, do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul e até mesmo para o Uruguai e para a Argentina. Em volume de produção predominava o açúcar mascavo, seguido de aguardente.

Houve uma época, em que, em Gaspar, se contavam mais de seiscentos engenhos de açúcar e alambiques. Aliás, os alambiques sempre foram um complemento quase que necessário para a exploração econômica dos engenhos de açúcar, pois a sua matéria-prima era quase que exclusivamente o melaço que escoava do açúcar que, depois de condensado, era pôsto em grandes recipientes de madeira de fundo perfurado, donde vertia o melaço e escorria para os grandes cochos.

De começo de abril até o mês de setembro, nos engenhos reinava febril atividade. Primeiro era a mandioca que era transformada em farinha; logo em seguida iniciava-se a moagem da cana-de-açúcar. Era uma temporada de atividade incessante, pois o trabalho dos colonos iniciava-se normalmente às quatro horas da manhã e só parava à noite. Mas era uma segura fonte de renda para todos que se entregavam a esta atividade, porque tanto o açúcar como a aguardente e a farinha de mandioca encontravam franca colocação nos mercados consumidores. Acresce, que a farinha de mandioca era complemento indispensável à alimentação diária dos colonos. Havia colonos, que fabricavam centenas de sacas de açúcar, milhares de litros de aguardente e, também, centenas de sacas de farinha de mandioca. Daí a prosperidade econômica da maioria deles.

Os engenhos de açúcar e os de farinha de mandioca eram montados em grandes galpões de madeira, cujas alas laterais eram ampliadas por largas

varandas, tudo fechado com paredes de tábuas.

As volumosas moendas de cana eram movidas à tração animal, isto é, por bois adestrados para este serviço. Para que não tonteassem de tanto andar em roda, os seus olhos eram vedados com uma espécie de óculos confeccionados de finas lâminas flexíveis de taquara, o que dava aos animais um aspecto pitoresco. Em torno dos galpões ficavam as pastagens para o gado dos colonos. No tempo da moagem, o bagaço da cana era amontoado ao lado do galpão e o gado deliciava-se em comê-lo sem parar.

Quem, na época da moagem, percorria a zona rural, podia ver sair dos telhados dos engenhos grosso rolos de vapor que se levantava dos grandes tachos de cobre em que se fervia o caldo de cana até que se condensasse em açúcar.

Nos tempos da fabricação de farinha de mandioca, os telhados dos galpões se cobriam de uma fina camada de polvilho, que saía das fomalhas em que se torrava a farinha. Pareciam, então, os velhos e enegrecidos engenhos, donzelas vaidosas que abusavam do uso do pó de arroz...

Para nós, a meninada, o tempo de moagem de cana era sempre uma temporada muito agradável, porque então podíamos beber garapa à vontade. Havia alguns que, à escondidas, também experimentavam aquilo que os colonos chamavam "mãe com filha", isto é, caldo de cana quente misturado com aguardente. Os resultados, na maioria das vezes, quando isto acontecia, eram simplesmente desastrosos para esses projetos de homens e quase sempre eles acabavam o dia dormindo num canto do engenho. Mas, diga-se a bem da verdade, poucos eram os colonos que permitiam aos rapazinhos beber "mãe com filha" e chegavam a zangar-se seriamente quando lhes pediam esta mistura perigosa, mas tão saborosa.

Outro motivo que nos atraía aos engenhos, era a oportunidade que se nos oferecia para lamber açúcar quente, quando este era posto em grandes cochos para esfriar. Na superfície da massa formava-se uma espécie de puxa-puxa, muito mais gostosa do que o melado. Comíamos até fartar, sem que os colonos a isto fizessem a menor objeção.

Aqueles tempos eram diferentes dos atuais. Nenhum colono, fabricante de açúcar, deixava de dar melado às famílias amigas.

Sempre havia à beira dos tachos em que se fervia o açúcar, vasilhas de todos os formatos para serem enchidas com melado. Não cobravam o melado e costumavam dizer: "Se quiserem mais, venham buscar..." Hoje, quando vejo vender melado nos supermercados e nas mercearias em pequenos vidros ou garrafas a preço assustadoramente elevado, lembro-me com saudades daqueles tempos, quando os colonos davam o melado de graça às famílias amigas. E, nem por isso caíram na miséria, nem isto lhes diminuía a prosperidade.

Outra atração nos engenhos de açúcar, eram as saborosas rapaduras que os colonos costumavam fazer. Quando lhes misturavam gengibre, eram uma verdadeira delícia. Ouso afirmar, que os meninos dos nossos dias que mastigam chicletes sem parar, trocariam essa goma sem sabor e até certo

ponto asquerosa, por um pedaço de rapadura dos engenhos, se o tivessem a seu alcance.

Já disse, que o dia de trabalho do colono, no tempo da moagem, normalmente, começava às quatro horas da manhã. Moíam cana e iniciavam a fervura do caldo; à tarde cortavam cana e a conduziam aos engenhos. Frequentemente, ainda noite a dentro moíam cana para o dia seguinte e destilavam o aguardente. Certa feia, um grupo de trocista, dos muitos que haviam em nossa localidade, soube, que o despertador de um colono, cujo engenho ficava bem perto da cidade, se estragara e que tinha sido levado ao relojoeiro para conserto. Souberam também, que o colono chamava seus filhos, quando o galo do terreiro começava a cantar, para iniciar o trabalho. Logo decidiram aproveitar-se desta situação passageira, para pregar uma peça ao colono. À meia noite, aproximaram-se do engenho e um deles, exímio imitador do canto do galo, pôs-se a cantar. Não demorou e o colono com seus filhos iniciaram as lides no engenho. Com o correr das horas, muito se admiraram de não clarear o dia. Só muito mais tarde conheceram o motivo, porque naquele dia, o sol tanto custara a nascer. Assim mesmo, o homem que cantava como galo, quase levou umas boas bofetadas de um dos filhos do colono.

No tempo da "farinhada" também havia coisas boas, que atraíam os meninos de meu tempo aos engenhos. Era então o tempo em que se faziam os gostosos beijus de farinha de mandioca. Havia os salgados e os doces, ambos de sabor muito agradável, além de nutritivos. Quando chegávamos num engenho onde estavam fazendo beijus, podíamos comer quantos quiséssemos, mas também eram feitos por encomenda, em maior quantidade, que as famílias costumavam comprar e guardar em recipientes bem fechados, para o consumo da casa. Como eram gostosos, esses beijus! Derretiam na boca, eram um suplemento bom para um café com leite e... custavam tão pouco.

VISITA DO BISPO

Gaspar, minha cidade natal, de tempos em tempos agitava-se com acontecimentos que fugiam do quadro das ocorrências comuns e transformavam completamente a vida cotidiana de sua população, mesmo que fosse apenas por alguns dias. Um destes acontecimentos, que se reproduzia com espaço de alguns anos entre um e outro, era a visita pastoral do Senhor Bispo Diocesano. Naquela época, a paróquia de Gaspar ainda pertencia ao bispado de Florianópolis e era de lá que vinha o bispo diocesano visitando as cidades do litoral até o norte do estado. Quando vinha em visita pastoral a Gaspar, normalmente vinha de Brusque, depois de ter visitado Itajaí, Camboriú, Tijucas e outras localidades litorâneas.

Para nós, a meninada de meu tempo de infância, esta visita sempre significava alguns dias de folga na escola e de serviço em ajuda aos preparativos para a recepção e condigna estadia do alto prelado em nossa freguesia.

Certo domingo, o Sr. Vigário anunciava do púlpito da igreja, que daí mais um mês, S. Excia. Revma., o Sr. Bispo Diocesano, estaria em Gaspar

para uma visita pastoral, que em nossa freguesia demoraria dois ou três dias e depois seguiria para Blumenau. Convidava o povo; para que colaborassem na organização de uma festiva recepção do alto visitante. No dia seguinte, o professor de nossa escola paroquial repetia o aviso e nos dizia, que deveríamos auxiliar nos preparativos para a recepção e a estadia do ilustre visitante, isto é, que deveríamos auxiliar a comissão encarregada deste preparativos em tudo que fosse necessário e sempre que pudéssemos. Daí em diante, Gaspar começava a fervilhar na expectativa de um grande acontecimento, que roubaria à localidade e à sua população por alguns dias, a pacatez costumeira, para agita-la com atividades diferentes e para dar-lhe uma movimentação inusitada.

Faltando alguns dias para a chegada do bispo, começavam a limpar cuidadosamente a igreja e a casa paroquial, na qual o visitante e sua comitiva tomariam residência durante sua estadia em Gaspar.

Senhoras e moças cuidavam deste serviço, e nós, os meninos, ajudávamos carregando água para a lavagem dos pisos e assoalhos, varrendo os pátios e carregando ramagens e flores para a confecção das guirlandas, dos festões e outros ornamentos, bem como, auxiliando a fixá-los nos lugares indicados.

Os homens, por sua vez, traziam carradas de palmitos para o centro da cidade e transformavam as ruas, pelas quais o bispo passaria, em alegres alamedas. A cidade, então, tomava ar festivo. Também se limpavam as fachadas das casas, que à chegada do bispo eram embandeiradas e as suas janelas enfeitadas com vistosas colchas. As ruas ora transformadas em alamedas, ainda ficavam mais lindas com os grandes arcos que se levantavam de espaço em espaço, feitos de bambu verde entrelaçado com flores; no centro das ruas, fileiras de lanternas de papel, pendentes de fios presos em ambos os lados das ruas.

Normalmente, a chegada do bispo em nossa freguesia ocorria entre às 17 e 18 horas. No dia de sua chegada, muitas horas antes, o povo já afluía de todos os recantos do distrito e se reunia frente à casa de D^h Mimi, muito conhecida de todos como "Tia Mimi", a proprietária da maior casa comercial da cidade. Era ela, que sempre oferecia ao bispo, logo após sua chegada, um lauto jantar do qual participavam as autoridades locais e o clero. Era, também, na casa dela, que o bispo se paramentava para seguir em procissão triunfal até a igreja matriz. Grande massa popular reunia-se frente essa casa, para esperar a chegada do bispo.

Nós, os meninos, que desempenhávamos o papel de coroinhas na igreja, lá estávamos também, envergando as camisolas brancas, rendadas, com colarinhos largos e de cores diferentes, portando turíbulos, os vasos com incenso e outros apetrechos mais. Esta espera era sempre muito cansativa para nós, porque não podíamos afastarmo-nos e sobretudo, porque éramos obrigados a nos comportar muito bem.

Mesmo com o aspecto festivo do ambiente, isto de ficarmos muito tempo quietinhos e bem comportados, era uma verdadeira tortura, apenas compensada com o privilégio todo nosso, de ficarmos sempre perto do bispo e dos

padres que o acompanhavam, quando se dirigiam à igreja e durante as funções religiosas.

À meia tarde, numerosos cavaleiros, montando fogosos corcéis, bem arreitados e enfeitados com fitas multicolores, seguiam pela estrada em direção a Brusque, ao encontro da comitiva do bispo e acompanhá-la até a cidade. Outros, com o mesmo fim, rumavam a seu encontro em carruagens bem enfeitadas, tiradas por bonitas parelhas de cavalos. Quando a comitiva se aproximava da cidade, a sua chegada era anunciada por cerrado espíocar de foguetes e no alto da igreja trovejavam as rouqueiras. A multidão se agitava e formava alas para a passagem dos carros dos visitantes.

Saudado com muitos "vivas", o bispo deixava a sua carruagem e se dirigia à casa de "Tia Mimi". Terminado o jantar ele saía, agora já paramentado, acompanhado de todos os padres presentes, para se dirigir à igreja. À frente iam nós, os coroinhas, depois vinha a comitiva do bispo, o qual caminhava sob um bonito pálio, que era conduzido pelos homens mais notáveis do lugar; depois vinha o povo, formando um grande préstilo. A grande procissão passava pelas ruas enfeitadas até a igreja, onde o vigário da paróquia esperava o bispo e, à entrada da igreja, o saudava com breves palavras. Em seguida o bispo entrava na igreja e esta se enchia de povo. Frente o altar mor, o bispo entoava o Te Deum laudamos e depois dirigia a palavra ao povo, dizendo de sua grande satisfação de poder visitar a paróquia e agradecia a cordial acolhida que tivera em Gaspar. Depois o seu secretário lia o programa elaborado para a estadia do bispo em Gaspar, no qual a imposição do sacramento da crisma ocupava vários horários.

Terminada esta cerimônia, o povo voltava para casa para voltar nos dias seguintes, para assistir missa e trazer as crianças para serem crismadas. Tudo isto se realizava na melhor ordem, no maior respeito e nunca se soube, que nessas ocasiões tivesse ocorrido qualquer confusão ou desordem.

Quando o bispo deixava a cidade, novamente grupos de cavaleiros e carros conduzindo cidadãos, o acompanhavam até a divisa com Blumenau. Passaram-se os dias festivos, mas por longo tempo ainda o grande acontecimento era comentado em todas as rodas. Curiosamente, naquela época, como ainda hoje é, os protestantes residentes em Gaspar, associavam-se aos católicos nos festejos de tais acontecimento. Naquela época, o Bispo Diocesano era considerado por todos, uma das grandes autoridades, semelhante ao Governador do estado. A sua palavra merecia o melhor acatamento e, se os protestantes não o reconheciam como autoridade de sua igreja, todavia o respeitavam como alta autoridade eclesiástica que era.

PESCARIA

Já descrevi a minha terra natal, como ela era nos seu vários aspectos, no tempo de minha infância, que o vento levou e os anos não trazem mais. Como todos sabem, Gaspar tem de seu um bom pedaço do rio Itajaí-Açu. Corre este belo rio, ora languidamente em seu largo leito, ora embravecido,

erguendo-se iradamente de seu leito natural, para invadir todos os territórios marginais, transformando-os num imenso mar. As águas do rio, nessas ocasiões muito barrentas, quando se retiram novamente para o seu leito, deixam tudo coberto com espessa lama, o fertilizante que por tantos anos alimentou, e ainda alimenta, essas terras com extraordinária fertilidade.

No tempo de minha infância, o rio Itajaí foi muito piscoso e fornecia com abundância, peixes aos moradores de minha terra. É que, naquela época, as águas ainda não estavam poluídas pelos esgotos das fábricas, como hoje o são, e os peixes não morriam envenenados, nem tinham necessidade de procurar outras paragens.

A alimentação da população gasparense, já então era bastante variada, mas nelas predominava um prato de resistência, que era o feijão preto cozido com xarque do Rio Grande, toucinho e carne de porco defumada, uma espécie de feijoada reduzida e, para completar, a boa farinha de mandioca, que era fabricada nos engenhos locais. Tenho, porém, retido em minha memória, o fato de que todos em Gaspar gostavam, também, de comer peixe. Especialmente no tempo de quaresma, ele desempenha papel importante no cardápio das famílias. Além do que era pescado no rio, vinha o peixe do mar, seco, de Itajaí, de Camboriú e de Tijucas, mas também; peixe fresco do mar, principalmente no inverno, na temporada das tainhas.

Apesar da abundância de peixe no rio Itajaí-Açu, em Gaspar nunca se conheceu pescadores profissionais, mas quase todos os que lá moravam, pescavam nas horas de folga. Na margem esquerda do rio moravam alguns homens, que pescavam quase que diariamente, para vender o peixe, mas também cuidavam de suas lavouras, por isso que não se podiam chamá-los de pescadores profissionais. Conforme a época, traziam para vender na cidade, os saborosos carás, jundiás, traíras, mandis, cascudos e outros peixes próprios da água doce e peixes do mar, como sejam o oleoso bagre e o fidalgo robalo, que subiam o rio para a desova.

Os vários ribeirões que no território de Gaspar desaguavam no rio Itajaí, também continham muitos peixes, especialmente carás, traíras e jundiás. Nós, a meninada, não perdíamos ocasião para explorar esses ribeirões e neles colocar covos de vários formatos, quase sempre por nós mesmos confeccionados. Grande era nossa alegria quando, ao recolher os covos, neles víamos ágitarem-se vários peixes, por vezes em boa quantidade.

De outubro a dezembro, quando os bagres subiam o rio, viam-se as bóias dos espinhéis, colocados pelos pescadores amadores, para apanhar este peixe da temporada. Alguns homens associavam-se para comprar redes, que eram colocadas no rio à noite e até a madrugada levantadas várias vezes, para delas recolher os peixes que nela se haviam prendido.

As colheitas de bagre quase sempre forneciam abundância de pescado, mas havia noites, em que nada se pegava. Os pescadores receiavam deixar as suas redes no rio durante o dia, porque podiam ser estraçalhadas pelos vapores fluviais que navegavam no rio.

Quando apareciam os primeiros robalos, viam-se frente à cidade,

canoas e batéis com um longo caniço preso na parte traseira e em constante movimento, especialmente perto da ilha, onde o rio comprimido entre esta e a margem esquerda, forma corredeiras. Os pescadores de robalo não paravam de renar, porque o robalo, como afirmavam, são pega em isca em constante movimento. Era dureza, remar sem parar sob um sol escaldante, por isso alegravam-se muito, quando pegavam um desses belos e prateados peixes.

Hoje, o rio Itajaí é o mesmo que foi no tempo de minha infância. Corre serenamente no seu largo leito, de manhã coberto com diáfana névoa branca, depois, quando atingido pelos primeiros raios de sol, torna-se todo dourado, para, em seguida, ficar bem prateado e cintilante. Ao anoitecer, quando os últimos raios de sol nele se refletem, torna-se cor de rosa, depois vermelho, passando a ficar roxo e finalmente via ficando escuro e acaba desaparecendo na noite. É ele, um rio bonito, mas também sabe inspirar muito medo aos habitantes de minha terra, quando resolve engrossar, deixar o seu leito e invadir, primeiro as baixadas, depois todo o vale, transformando tudo num imenso mar.

DONA MIMI HOESCHL

Nas minhas "Reminiscências" anteriores falei sobre a casa comercial do Sr. Adolfo Altenburg, um notável estabelecimento comercial em minha cidade natal. Não era ela a única grande casa de comércio em Gaspar, pois havia lá outra, que com ela rivalizada em importância. Era a casa da firma Carlos Procópio Hoeschl, que além de uma grande loja de tecidos, de armarinhos e ferragens, mantinha também, grandes depósitos de aguardente, açúcar mascavo e farinha de mandioca. Comprava estes produtos dos colonos de Gaspar e os exportava para vários estados brasileiros, especialmente para o Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro e ainda para o Uruguai e Argentina.

O Sr. Carlos Procópio Hoeschl foi o fundador desta firma, que iniciou as suas atividades, se não me falha a memória e de acordo com o que ouvi, no ano de 1856. Depois de seu falecimento, a firma passou a pertencer à sua filha Maria Cândida, a "Tia Mimi", como era por nós conhecida. Conseguiu ela contratar, para gerenciar a sua casa comercial, o Sr. José Spengler, filho de colonos de Gaspar, ou melhor, do bairro de Poço Grande. Residia ele em Florianópolis, onde trabalhava como empregado numa grande casa comercial, quando recebeu o convite para gerenciar a casa comercial de "Tia Mimi" em Gaspar. Nela trabalhou por muitos anos, deu-lhe notável impulso e a transformou numa grande firma, conhecida em todos os estados, desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul, e também, no exterior.

Com idade não muito avançada a morte o surpreendeu e pôs termo às suas atividades como gerente da firma.

Os negócios desta firma, como também aconteceu com a do Sr. Adolfo Altenburg, não se limitavam à compra e venda de mercadorias. Além destas

funções, elas desempenhavam aquilo que hoje chamaríamos de empresa financiadora, pois graças a elas, os colonos podiam cuidar de seu trabalho de plantar e beneficiar os seus produtos, sem maiores preocupações financeiras. Na ocasião das safras, levavam os seus produtos à casa comercial, que lhes pagava preço razoável. Com o produto da venda do açúcar, do aguardente, da farinha de mandioca ou arroz, pagavam as dívidas que nela haviam contraído durante o ano e recebiam em dinheiro as sobras. Como estas, em muitos casos eram de certo vulto e como não havia banco em Gaspar, deixavam-nas depositadas a juro módico na mesma firma, só retirando o que necessitavam para realizar melhorias em seus estabelecimentos rurais, construir casas de morada melhores ou para outros fins. Era este um sistema, hoje completamente fora de uso, mas que na época produzia ótimos resultados para ambas as partes, isto é, para as casas comerciais e para os colonos.

Talvez haja quem diga, que este processo econômico devia carrear grandes lucros às firmas e empobrecer gradativamente os colonos. Isto porém não acontecia, pois a isto se opunham por um lado a honestidade daqueles comerciantes, que pagavam preços razoáveis pelos produtos que adquiriam e vendiam as suas mercadorias igualmente a preços razoáveis; por outro lado, os colonos na sua maioria, que evitavam todos os gastos evitáveis e inúteis. Apenas aqueles colonos, que não sabiam ou não queriam viver moderadamente e em conformidade com as suas rendas, no fim acabavam mal e bastante endividados. Assim mesmo, isto acontecia contra a vontade dos comerciantes, pois estes, quando viam que um colono estava gastando mais do que era o montante de suas rendas, advertiam-no disto e procuravam orientá-lo no sentido de uma sábia recuperação de sua economia. De uma maneira geral estas casas comerciais muito contribuíram para o desenvolvimento das lavouras, especialmente nos períodos das entressafras.

Depois de funcionar por longos anos na própria casa residencial de "Tia Mimi", a firma da Sra. Maria Cândida Hoeschl passou a sediar-se em casa nova, especialmente construída para este fim e que ficava localizada no lado oposto da rua, frente à casa residencial. Pouco depois foi construído um grande depósito ao lado da casa comercial, onde se armazenavam açúcar, aguardente e farinha de mandioca. Ali mesmo estes produtos eram ensacados ou transferidos dos grandes tonéis para pequenos barris, para serem exportados. O movimento deste estabelecimento comercial era intenso e volumoso, e cresceu grandemente depois da liquidação da firma Adolfo Altenburg em Gaspar.

Para a época, podia a firma Hoeschl ser considerada uma das grandes firmas em toda a região do Vale do Itajaí. Diariamente ali se encontravam grande número de carroças, que traziam produtos coloniais e levavam as mercadorias de que os colonos necessitavam.

"Tia Mimi", se bem que não à testa dos negócios, todavia acompanhava com grande interesse todo o movimento de sua firma.

Sempre que podia, estava na loja ou no escritório, falava com os colonos e suas mulheres, quando faziam compras ou levavam produtos à firma. Era

conhecida de todo mundo e sua casa residencial com o tempo tornou-se como que ponto obrigatório de parada, de viajantes ou de pessoas das cidades vizinhas, que passavam por Gaspar. Frequentemente tinha hóspedes, que, residindo em outras cidades, vinham passar uma pequena temporada em Gaspar. Era ela uma personagem bastante interessante, viva e perspicaz, de gestos nervosos, que participava de todos os movimentos políticos, cívicos ou sociais. Era interessante ouvi-la falar sobre política e sobre os homens públicos, tal o seu interesse e sua preocupação pelo desenvolvimento das coisas. Mas, também, sabia ser bastante agressiva e não regateava com recriminações, quando sabia que um homem público não agira de acordo com as suas idéias. Por vezes se apaixonada de tal maneira, que chegava a ser injusta nas suas expressões.

Uma de suas grandes preocupações sempre foi a igreja e a religião. Diariamente assistia a missa matinal na igreja matriz, raramente faltava às novenas que precediam as festas religiosas e sempre mostrou-se muito interessada em todas as iniciativas da igreja, especialmente no que dizia respeito à escola paroquial.

Todas as vezes que Gaspar recebia a visita do Bispo Diocesano, era ela quem concitava o povo com suas palavras inflamadas, a fazer tudo o que fosse possível, para que o Sr. Bispo tivesse uma recepção condigna. Era na casa dela que o Bispo se paramentava depois de lhe ser oferecido um lauto jantar por "Tia Mimi", para dali seguir em procissão festiva até a igreja matriz. Sobre esse assunto também já me referi numa das minhas reminiscências.

"Tia Mimi" gostava de tocar piano e cantar. Esta sua inclinação pela música, levou-a a cuidar da organização de um coro para a igreja, do qual participava ativamente. Gostava, também, de teatro. Graças a isto, a população da pequena cidade de Gaspar sempre teve oportunidade de assistir apresentações teatrais, naturalmente de pequenas proporções e de acordo com as modestas possibilidades que neste sentido a cidade oferecia. O fato é, que em Gaspar, já naquela época, se cantava muito e se assistia representações teatrais. E, nunca se apresentou o elenco amador de teatro em Gaspar, sem que "Tia Mimi" nele desempenhasse um papel. Foi ela, uma atriz amadora de um entusiasmo contagiante, que sabia arrancar da mente de todos os demais atores e atrizes amadores, toda a timidez de se apresentar no palco.

"Tia Mimi" faleceu repentinamente, sem deixar herdeiros diretos e os parentes próximos, residentes em Gaspar, não quiseram qualificar-se como herdeiros. O seu espírito dinâmico, a sua vontade de viver, talvez foram a causa de ela vir a falecer sem deixar um testamento ou qualquer outra disposição sobre o destino de seus grandes bens. Creio, que ela própria nunca acreditou, que a morte a pudesse algum dia surpreender, por isso nunca cuidou de dispôr para post mortem, sobre o que possuía. Assim, quando faleceu, tudo passou a ser propriedade do Governo.

Naturalmente, "Tia Mimi" também teve inimigos e desafetos. Quem é que os não tem? Mas ela deixou uma grande lacuna na vida de minha pequena

terra natal. Muitos são os que dela se lembram com saudades, mas o rolo pesado do tempo continua nivelando tudo, mesmo a memória das pessoas que de qualquer maneira se tornaram notáveis na comunidade de uma região. Hoje, as pessoas idosas que passam por Gaspar, que conheceram "Tia Mimi", que freqüentavam sua casa, olham para tudo que dela lá dá testemunho. Olham entristecidas, porque os grandes casarões que lhe pertenceram ainda estão lá, mas neles já não mais está a velha "Tia Mimi" e com isto já não mais exercem qualquer atrativo para aqueles que a conheceram. Sic transit glória mundi...

VIDA TÍPICA DOS COLONOS

Sem dúvida alguma, uma das mais agradáveis recordações do tempo de minha juventude, é a das minhas freqüentes visitas aos engenhos de açúcar de meu avô paterno e aos de meus tios, casados com irmãs de minha mãe. Já descrevi, em artigos anteriores, a importância dos engenhos, para a economia de meu município natal. Exerciam eles, também, grande influência na sociedade rural, moldando-lhe o estilo de vida e os métodos de trabalho. Eram, nada mais nem menos, do que os estabilizadores da sociedade rural e a base financeira para uma larga camada da população do município, que criou lá um estilo próprio de vida que assumiu, no correr dos anos, aspectos de tradição. A tradição só desapareceu, quando, por motivos alheios à vontade dos donos de engenhos, estes não mais podiam continuar a trabalhar em bases econômicas, face à concorrência que lhes faziam as grandes usinas.

A semelhança dos moinhos de vento do norte europeu, das velhas rodas d'água que moviam os mais diferentes dispositivos mecânicos, também os engenhos de açúcar estavam cercados de certo ar de romantismo, só não perceptível aqueles, que já não mais possuíam o dom de sonhar, o gosto pela poesia das coisas que os cercavam.

O engenho de meu avô, quando não se trabalhava nele era lugar ideal para os nossos folguedos e jogos infantis, nele podia-se brincar de esconder, como em nenhum outro lugar. Virar a moenda de cana, era excelente exercício físico e era grande a algazarra, quando algum companheiro não conseguia dar mais de umas dez voltas à moenda, aliás, bastante pesada para guris de oito ou dez anos. Atrás do engenho, de uma bica corria água cristalina e fria, oitenta metros de encosta de um morro próximo, que enchia grande tanque de madeira. Ali, o brinquedo ideal era armar pequenas rodas de água ou fazer flutuar, barquinhos de madeira ou de cuias, na água do tanque. Tudo isto divertia-nos muito e quase sempre ficávamos com as roupas molhadas, o que constituía problemas de certa gravidade ao chegar de volta em casa. Grupos de dez ou mais meninos entregava-se a estes brinquedos, e quer me parecer, que se divertiam mais em construir suas rodas d'água e vê-las movimentar-se, do que se divertem os meninos de hoje com a infinidade de brinquedos que a indústria moderna lhes oferece, mesmo em se tratando de tanques de

guerra, carros de todas espécies, armas ou ferrovias auto náticas.

Normalmente, à determinada hora da tarde, vovó nos chamava para tomar café. Era espantosa a velocidade com que desapareciam dos pratos as fatias de broa de milho ou bijus de farinha de mandioca, tudo devorado pela gurizada com bom melado.

Quando o engenho se achava em ação, era lá que se bebia caldo de cana, comia-se a dourada espuma de açúcar, que formava-se quando o açúcar fervente era transferido do grande tacho para os cochos de repouso. O alambique não parava de destilar aguardente. E, ali, então apareciam certos tipos curiosos, que pediam uma prova da "branquinha" e a bebiam em canequinhas feitas de bambu. Uma prova seguia a outra, até que, cambaleantes e "cercando frangos" deixavam o engenho. Havia os que depois de algumas provas, ficavam valentes e desafiavam todo mundo para uma briga. Umás chibatadas desferidas no lombo deles com uma cana murcha, fazia-os sair correndo. Outros havia, que cantavam, davam gargalhadas histéricas e contavam piadas, até que, saturado de tanto "divertimento", o alambiqueiro os fazia correr dali. Diga-se, porém, a bem da verdade e das boas tradições de vida e costumes, que estes casos não eram muito freqüentes.

O resíduo do caldo de cana fermentado e destilado, depois de esfriado era misturado com farinha de mandioca e servia de ração para os porcos. Embora a parcela de álcool ainda contido nestes resíduos, chamados "vinhão" era muito diminuta, freqüentemente via-se porcos ficarem tontos, dar voltas ou rodopiarem como piões, depois deitarem e caírem em profundo sono.

Nós, os meninos, víamos tudo isto e tudo nos causava alegria. A melhor coisa, porém, eram os momentos quando o sol estava para desaparecer atrás dos morros e vovô sentava-se conosco num banco frente à casa de morada e, descascando cana para nós, que mastigávamos e as chupávamos prazerosamente, nos contava coisas dos tempos idos, dos homens que, vindos de longe, ali se estabeleceram. Falava das densas matas que cobriam a terra quando ali chegaram, dos animais ferozes que as habitavam, dos animais que lhes caçavam para suprir a casa com carne, das chusmas de papagaios e periquitos que voavam até perto do rancho e faziam tremenda algazarra, dos micos e dos bugios que vinham roubar espigas de milho na roça, das boas pescarias que faziam no ribeirão que agora atravessa a pastagem, das perigosas jararacas e cobras corais, que gostavam de atacar nas tardes quentes, quem perto delas passasse, das grandes inundações ocorridas, que faziam os animais do mato, das várzeas, procurarem salvar-se em lugares mais elevados ou ficar na copa de uma árvore toda cercada de água... e muitas outras histórias semelhantes.

Tempos bons, tempos felizes, tempos que não voltam mais. Passou tudo, só ficou uma coisa que nunca passa: a saudade. Existem hoje muitos homens, que riem daqueles que falam em saudades. Pobres criaturas estas, com espíritos ressequidos pelo materialismo e cujas vidas são áridas, porque nelas não mais brotam os frutos da poesia e do romantismo. Já não mais sabem eles o que é saudade, este sentimento que muitas vezes dói, mais que

é tão bom, tão gostoso e que nos ajuda olvidar tantas coisas más que muitas vezes procuram amargar nossa vida. Saudade, mesmo quando dói, é fruto saboroso de uma existência bem vivida que não teme olhar para trás, que revive fatos e revive o passado sempre de novo.

PASSAGEM DO COMETA HALLEY

Nos últimos dias do ano passado, devíamos ver o cometa Tago-Sato-Kosaca. Como denuncia o seu nome, foi descoberto por astrônomos japoneses. Aqui, em Curitiba, não tivemos o gosto de vê-lo, porque o céu sempre nublado, impediu que o vissemos.

A passagem deste cometa pelos nossos céus, fez-me lembrar um outro, há muitos anos passados, o cometa Halley, que passou pelos nossos céus em 1910. Como agora, também naquela época houve muita gente que se encheu de temor, quando foi anunciada a passagem do cometa. Mil e uma conjeturas, muitos pareceres e opiniões foram emitidas. Muitos temeram estar chegando o fim do mundo, outros temeram um encontro do cometa com a terra, do que poderiam resultar grandes catástrofes e flagelos para a humanidade.

Quando os jornais anunciaram que o cometa Halley devia aparecer e meu pai nos contou a novidade, descrevendo o fenômeno em todas as suas minúcias, grande foi a nossa expectativa. Nunca tínhamos visto um cometa e não podíamos fazer idéia, de como seria o que devia aparecer em breve. Uma estrela com cauda? Devia ser coisa muito curiosa! Como podia uma estrela ter cauda? Seria ela semelhante às caudas das arraias que soltávamos quando havia vento? Os cometas que até então conhecíamos, eram os viajantes comerciais, representantes de firmas radicadas em grandes cidades que de vez em quando apareciam em Gaspar. Era uma noite bastante fria, quando papai nos chamou mais ou menos às três horas da madrugada e nos levou ao pátio de nossa casa para vermos o cometa Halley. O céu estava muito estrelado. Entre as estrelas, um pouco para Leste, brilhava o cometa com sua enorme cauda em forma de leque. Foi uma visão deslumbrante, coisa como que milagrosa e sobrenatural, imponente; enfim um cometa soberano e de uma luminosidade fascinante.

Todas as noites, antes de deitar-me eu pedia a papai que me acordasse para ver mais uma vez o lindo cometa. Muitos dos meninos, meus companheiros de escola, também o viram com muita alegria, mas havia alguns deles, que o olhavam com certo temor, porque haviam ouvido comentários a respeito do fenômeno, que a muitos parecia indicar perigo iminente.

Havia gente que, observando a mudança da posição do cometa, que se inclinava sempre mais para Leste, temia que sua cauda viesse roçar o morro do Baú, acreditando que disto poderia resultar uma catástrofe, sem porém poder precisar o que poderia acontecer, porquanto as suposições iam desde um desmoronamento do morro, até um incêndio de proporções inéditas. Durante alguns dias vimos o cometa Halley. Para mim, até hoje, ele é uma

visão inesquecível, por isto que aborreceu-me não poder ver o cometa "japonês".

Como já disse, o aparecimento do cometa Halley desencadeou entre nossa gente os mais descontraídos comentários. Homens e mulheres de idade, relembavam guerras e catástrofes ocorridas em eras antigas, que foram atribuídas como conseqüência do aparecimento de algum cometa. Outros viam no cometa um aviso de Deus, para que a humanidade pervertida abandonasse os caminhos do mal, e fizesse penitência. Um senhor idoso, que possuía alguns livros antigos, disse ter lido num deles que, quando aparecia um cometa no céu, "um terrível feixe de fogo, vara de castigo ou espada de extermínio", Deus na sua imensa bondade queria advertir a humanidade dos perigos e riscos que ela estava correndo se não voltasse ao caminho do bem. Mas havia também outros que afirmavam que o aparecimento de um cometa era anúncio de anos de grande alegria e felicidade para a humanidade, pois fora também um cometa que anunciara aos Três Reis Magos o lugar onde havia nascido o menino Jesus.

Finalmente havia os supersticiosos, que atribuíam aos cometas forças mágicas, as quais, se captadas por alguém por meio de práticas cabalísticas, dariam ao felizarado forças mágicas, que o capacitariam a realizar tudo o que quisesse, que teria grande êxito nos negócios, que conquistaria o amor da mulher amada e desejada, inclusive o poder de se fazer invisível quando quisesse fazer. E contavam inúmeros casos, de como tais pessoas teriam encontrado tesouros encantados, adquirindo muitos bens e posição social, guindando-se sem nenhum esforço à posição de mando e tornando-se invencíveis nas lutas e guerras, tornando-se grandes heróis.

Todos estes comentários, que causavam temor a alguns e incredulidade a outros, causando hilaridade aos mais sabidos, pouco afetavam a nós, os meninos, que os ouvimos com interesse e curiosidade, mas não lhes atribuíamos maior importância. O que nos interessava realmente realmente, era a beleza do cometa. Crivávamos nossos pais com toda sorte de perguntas, tais como: como é que se formavam cometas no céu, como podiam eles caminhar entre as demais estrelas, sem nelas roçar ou colidir, como a cauda podia ficar intacta, se era constituída de gases luminosos ou miríades de pequeníssimas estrelas, porque o cometa não estava sempre no céu e só aparecia em determinadas épocas, conforme nos haviam contado.

Como se vê, nós éramos bem curiosos e muito interessados em fenômenos tais como era o aparecimento de um cometa. Relembro estes fatos por uma simples razão: quer me parecer que a juventude de meu tempo era muito mais interessada nos fenômenos, como era o aparecimento de um cometa, do que o é a juventude dos dias atuais. Muitos meninos aos quais eu perguntei, se viram o cometa que fora anunciado pelos jornais e pelo noticiário do rádio e da televisão, responderam-me, que esqueceram de vê-lo, que esqueceram de marcar a hora em que seria visível. Ele, o cometa, nem de longe mexeu com a fantasia destes meninos. Terão eles ainda um pouco de longe, ou a mente deles está unicamente povoada do realismo puro, este

realismo que os incapacita de sonhar, que lhes rouba esta grande felicidade, que é a de viver uma juventude sadia, uma juventude povoada de imaginação, de coisas bonitas, uma juventude não artificial e repleta de problemas, enfim, uma juventude capaz de armazenar forças para, mais tarde, saber enfrentar as vicissitudes e os revêses que a vida não poupa a ninguém?

"HISTÓRIAS DE FANTASMAS"

"Yo no creo em brujas, pero que las hay, hay"... Assim dizem os espanhóis. Muita gente, também, não acredita em fantasmas, mas na Inglaterra, por exemplo, os velhos castelos que se prezam possuem os seus fantasmas, que não morrem na crença pública e que resistem a todas as investigações científicas, porque o povo não quer que morram. E mais, numerosas histórias de fantasmas são editadas e reeditadas e todos que as lêem, sentem calafrios mais ou menos intensos quando chegam aos pontos culminantes, isto é, quando os personagens vivos defrontam-se com os fantasmas materializados, que se mostram mais ou menos abstratos, mas que, jamais, alguém conseguiu agarrar.

Porque em Gaspar, nos tempos de minha juventude, não podia também haver fantasmas?

Houve-os em número talvez maior do que se pode imaginar. Não sei, se ainda hoje eles lá existem, porque também minha terra natal sofre as injunções do progresso técnico, este grande inimigo de tudo que não possui forma material... Mas, talvez lá ainda existam fantasmas, porque eles, de uma maneira ou de outra, sempre povoam as mentes das gentes, desde a do simples homem da roça até a do grande intelectual.

Já falei da casa do americano, na margem esquerda do rio Itajaí, à meia distância entre Gaspar e Poço Grande. Muita gente afirmava que em certas noites de luar, nos vazios ocos das janelas daquela casa tétrica aparecia alguém que olhava fixo para algo que ninguém mais via e desaparecia, logo que alguém se aproximasse da casa. Era tanta a insistência com que falavam no assunto, que ninguém mais tinha dúvida, afastar da casa quem quer que ela quisesse aproximar-se.

Já no Poço Grande, no ponto onde a estrada entrava no pasto do proprietário Pedro Schmitt, naquela época havia uma porteira para impedir a saída do gado.

Para prosseguir pela estrada, os cavaleiros e os condutores de carros e carroças, precisavam abrir esta porteira de batente. Afirmavam muitos, que quando ali tinham que passar à noite, ouviam junto à porteira o choro doído de uma criança. O interessante nesta história era, que o choro se fazia quase sempre ouvir, quando lá passava uma pessoa só. Por isto, todos evitavam de passar por ali sozinhos; preferiam fazê-lo em grupos. Mas também estes grupos não estavam a salvo de ouvir o choro doloroso de criança, pois que, quando menos o esperavam ele fazia-se ouvir. Mil conjecturas e suposições se fazia a respeito da origem deste "fantasma", sim digo fantasma, porque

alguns afirmavam ter visto uma criança despida ao lado da porteira, mas quando dela se aproximavam, ela desaparecia. Algumas almas piedosas, pediram ao Padre Vigário de Gaspar, que benzesse o lugar, o que este fez com certa relutância. Mas o choro não desapareceu. Aventou-se então, que a criança que chorava, era fruto de algum amor pecaminoso e que fora morta quando nasceu. Tudo isto durou anos, mas um dia o caso ficou esclarecido. Ao fazer uma picada para mudança da cerca do pasto, os homens que ali trabalhavam, em pleno dia ouviram a criança chorar e bem perto deles. Ficaram apavorados e correram. Havia um pouco de vento e o choro ora aumentava ora diminuía de intensidade. Um dos homens, mais corajoso do que os outros, decidiu chegar ao local onde a criança estava chorando. Aproximou-se cautelosamente, avançou pela picada que partia da porteira e, de repente ouviu o choro por cima da sua cabeça. Confuso e espantado olhou para cima e então viu que o que produzia o choro, era uma forquilha de galhos de uma árvore. Quando o vento os tocava friccionavam-se e produziam um ruído semelhante ao choro, ora mais forte ora mais fraco, dependendo isto da intensidade do vento. A árvore foi derrubada, mas assim mesmo muitos ainda ouviam o choro da criança e sempre de novo afirmavam, que a tinham ouvido quando por ali passaram. É que, a maioria dos que acreditavam em fantasmas, não acreditaram que o ruído fora produzido pela fricção da madeira.

Por muito tempo falavam de um cavalo encilhado, que em noites escuras costumava sair de baixo de um bueiro alto na estrada que conduzia ao Gasparinho, debaixo do qual passava uma valeta que dava vasão às águas, que em dias de chuva juntavam-se no pasto pertencente ao Sr. Adolfo Altenburg. Muitos afirmavam ter visto o cavalo que era muito bonito e que, saindo do boeiro, costumava ir à frente das pessoas que usavam a estrada, depois subia o morro do cemitério e ali desaparecia. Afirmava-se também que este cavalo pertencera a um forasteiro, espécie de jogador profissional, que certo dia aparecera para participar de uma festa no bairro do Gasparinho. Dias depois fora encontrado morto à beira da estrada. Ninguém o conhecia, ninguém sabia de onde viera e apenas sabiam, que se chamava Manoel e que usava um linguajar acastelhado. Documento nenhum foi encontrado com ele, mas o cavalo por muito tempo não o deixou desaparecer da memória dos gasparenses. Sempre de novo vinha alguém, que afirmava ter visto a bela montaria.

Poderia contar ainda outras histórias de fantasmas, que povoaram Gaspar por mais ou menos longo tempo, como por exemplo o do morcego, que à meia noite costumava chupar o sangue de certa mulher autora de uma história de difamação, ou a do cão com os olhos de fogo, que rodeava as casas de noite e uivava terrivelmente ou ainda a da casa rural, onde à meia noite, as tábuas do assoalho começavam a bater, como se estivessem soltas, ouvia-se passos de pessoa que andava pelo corredor e soltava grandes gargalhadas, e outras mais. Para não alongar-me muito, vou rematar este relato com uma história de "fantasma" ocorrida na margem do rio, defronte a Gaspar, onde residiam alguns pescadores e trabalhadores. Ali, certa noite

uma mulher em avançado estado de gravidez ouviu chamarem-na e saiu ao terreiro da sua casa. Não demorou muito, as pessoas da casa ouviram um grito estridente e quando correram, viram a mulher caída no terreiro, desmaiada. Não demorou para descobrirem a causa do desmaio. Num canto do terreiro, estava uma caveira humana com o olhos e boca de fogo, coisa simplesmente horrível. Alguns mais corajosos aproximaram-se dela e perceberam, que ela era feita de uma cuia, na qual haviam furado olhos, cortado uma boca e colocado no seu interior uma vela acesa. Vista a certa distância, parecia-se muito com uma caveira humana. A mulher sofreu um grande abalo e depois de abortar a criança que devia nascer, esteve doente bastante tempo. Mas, o que se faz neste mundo que mais ou mais tarde não venha a ser conhecido? Demorou algum tempo até que descobriam o autor desta macabra façanha, um vizinho da casa que vivia querelando com os moradores desta. Naqueles tempos, ainda frequentemente faziam justiça com as próprias mãos. Assim aconteceu também neste caso. O autor da façanha foi tão cruelmente castigado, que por pouco não se tornou também ele, um fantasma.

Por aí se vê, que Gaspar não fugiu à regra: para se tornar notável, para aparecer como aparecem os castelos da Inglaterra, onde também aparecem fantasmas.

A IGREJA VELHA

Quem se aproxima de minha pequena cidade natal pela estrada de rodagem, seja vindo do Norte ou do Sul, a primeira coisa que dela avista é a igreja matriz. Situada num pequeno morro que vem até quase a margem do rio Itajaí Açu, um dos muitos que formam os contrafortes da serra do mar, ela domina a paisagem encantadora do vale que na margem esquerda do rio se abre largamente.

A velha matriz, construída em forma de cruz, com torre quadrada, foi construída pelo esforço comum do povo de Gaspar em fins do século passado. O então povoado ainda se chamava São Pedro Apóstolo de Gaspar e ela foi consagrada aos apóstolos São Pedro e São Paulo.

Levaram vários anos para construí-la. Primeiro aplainaram o cume do morro; depois construíram um caminho carroçável até o alto para a condução do material necessário para a construção da igreja. Todos os paroquianos ajudaram na construção: uns fornecendo materiais de construção, pedras para os alicerces, tijolos e telhas, madeira, cal e areia e outros materiais necessários. E todos dedicavam um ou mais dias de serviço por semana, para que a construção chegasse a seu fim. Todos os trabalhos de construção eram conduzidos pelo padre vigário. Finalmente ficou concluída. Eu não existia ainda, quando ela foi sagrada pelo Sr. Bispo vindo de São Paulo. Se não me falha a memória, foi Bispo sagrante D. Camargo de Barros, que mais tarde veio a sucumbir vítima de uma naufrágio, quando de Roma para o Brasil.

De acordo com relatos que mais tarde ouvi, a sagração da igreja matriz foi uma grande festa para o povo de Gaspar. Além da presença do Sr. Bispo

e muitos sacerdotes de sua comitiva e de paróquias vizinhas, muita gente de fora veio assistir este grande ato, tão importante para o povo de Gaspar. Inicialmente ela teve uma pintura simples, porém, entre 1916 e 1918, recebeu uma pintura interior bastante artística executada por um frade franciscano leigo, e também um novo altar, artisticamente entalhado em madeira. Naquela época, o artesanato era amplamente praticado por irmãos franciscanos a maioria deles vindo da Alemanha. Especialmente em madeira realizaram trabalhos maravilhosos ainda existentes em muitas das igrejas antigas, especialmente no Norte do Brasil.

Por muito anos a velha matriz de Gaspar continuou o ponto principal de atração para o povo de Gaspar, as grandes festas religiosas, sobre as quais já me referi em artigos anteriores, reuniam toda a população, mas também, todos os domingos sempre ali se reunia muita gente, mesmo moradores dos pontos mais afastados do distrito, para assistir a missa dominical.

Atrás da igreja, na mesma elevação, acha-se o cemitério paroquial. Ali foram sepultados muitos habitantes de Gaspar para o descanso eterno de seus restos mortais: Este cemitério foi sempre bem cuidado, e também isto era trabalho comunitário, sempre que necessário, reuniam-se pessoas para limpá-lo, assim como todas as quintas-feiras santas, os homens se reuniam para limpar todo o morro em que se achava a igreja.

A velha igreja foi ficando pequena para abrigar os fiéis que a ela afluíam, por isso, mais tarde, foi resolvida a construção de uma nova igreja, no mesmo local da antiga. Foi uma pena não ter conservado a igreja velha, pois esta tinha formato todo especial, e se hoje, ainda existisse, certamente seria monumento histórico. A nova igreja matriz é muito bonita, bastante espaçosa, possui duas torres. Ela atrai muitos visitantes, despertam a curiosidade de muitos que, vindos de outros pontos do país, sobem até lá para vê-la mais de perto. Hoje existe um caminho que permite aos automobilistas subir com seus carros até junto da igreja, uma escada que sobe do nível da rua até o pátio da igreja, o caminho antigo para serventia de pedestres, que não preferem subir a escadaria.

Quem sobe até o pátio da igreja matriz de Gaspar, não se arrepende disto. Lá do alto descortina-se uma das mais lindas vistas que se pode imaginar. Defronte a Igreja corre majestosamente o belo rio Itajaí Açu. Alongando a vista para a frente, vê-se um extenso vale verdejante, aqui e ali salpicado de casas de moradia. A grande ponte de concreto permite passagem fácil de uma margem a outra. À esquerda e à direita da igreja estende-se a cidade de Gaspar, e, mais além as pequenas montanhas, os contrafortes da Serra do Mar. Mais acentuadamente, esses se mostram atrás da igreja. Especialmente no período da manhã, toda a paisagem que se descortina do alto da igreja, é simplesmente deslumbrante com sua variedade de cores e o reflexo do sol nas águas do rio.

Apoio:



Indústria e Comércio Arno Gaertner Ltda.
Auto Peças e Retífica de Motores
Rua São Paulo, 470 - Fone (0473) 26-0088
Cep 89012-000 - Blumenau - SC

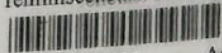
Organização:

Resgate Empreendimentos Culturais
Rodovia Ivo Silveira, 620
Gaspar - SC

Edição:

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Fone (0473) 26-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

N. cham.: 400-03 MEM
Título: Memória Gasparensis:
reminiscências: Henrique Pedro



112685

Ac.40919

AHDLJTS LIV